

Propor a fé na pós-modernidade

*Geraldo De Mori, SJ*¹

Resumo: Como o tema da pós-modernidade foi visto pela Igreja latino-americana e brasileira? Que perspectivas pastorais a Igreja católica do Brasil propõe para anunciar a Boa Nova de Cristo na sociedade plural e fragmentada que é a do país na hora atual? O texto, após uma análise de como o tema da pós-modernidade aparece em vários textos eclesiais, sobretudo no Documento de Aparecida e nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil, a partir de 1995, apresenta algumas considerações de como pensar a pastoral no contexto da fragmentação e do pluralismo pós-moderno.

Palavras-Chave: Pós-modernidade; Igreja do Brasil; Fragmentação; Pluralismo.

INTRODUÇÃO

O tema aqui proposto, “Propor a fé na pós-modernidade”, é extremamente instigante, embora de grande complexidade e, por que não dizer, de grande perplexidade. É complexo porque na pastoral ainda não conseguimos captar o que é a pós-modernidade. Causa perplexidade porque o que captamos do pós-moderno deixa-nos muitas vezes paralisados, sem saber como agir em nossa pastoral.

Minha fala nesta noite vai se dividir em dois grandes momentos. Num primeiro, tentarei trazer alguns elementos das análises feitas pela Igreja sobre a pós-modernidade, recorrendo, em seguida, o que ela tem feito para enfrentar os desafios da cultura pós-moderna, apontando seus limites e propondo algumas pistas que parecem fecundas hoje.

1 A PÓS-MODERNIDADE E A IGREJA

A “mudança de época” provocada pela razão pós-moderna já começou a impactar a cultura ocidental desde o final dos anos 1960, com a revolução dos costumes de maio de 68'. O processo se acelerou, porém, após o final da guerra fria e o fim dos regimes comunistas na Europa do Leste, associado com a dinâmica da globalização econômica e comunicacional que desde então passou a dominar os intercâmbios comerciais e culturais.

A evangelização na América Latina foi marcada nesse período pelas duas grandes conferências do CELAM de 1968 (Medellín) e 1979 (Puebla), responsáveis pela recepção criativa do Concílio Vaticano II no continente. A teologia elaborada nesse período, marcada pelo

1 Doutor em teologia pelo Centre Sèvres – Faculté Jésumites de Paris (2002), professor e pesquisador de teologia sistemática na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Membro do Grupo de Santiago, que reúne pesquisadores em teologia prática da América Latina e Europa. Reitor da FAJE. E-mail: geraldodemori@faculdadesjesuita.edu.br

método ver-julgar-agir, contribuiu para a construção de um discurso e de uma prática profética da Igreja, que participou ativamente nos processos de luta contra os regimes ditatoriais presentes em muitos países da região, e na formação de movimentos de luta por justiça, defesa dos direitos humanos, serviço aos pobres. Nesse período, o processo de urbanização conheceu grandes saltos e o trabalho da Igreja, sobretudo através das comunidades eclesiais de base (CEBs), contribuiu para a recriação de muitos laços sociais. Nos anos 90' esse trabalho se diversificou, seja através das novas questões levantadas pelo despertar da consciência ecológica, as questões indígena, afrodescendente e da mulher, seja através dos novos movimentos religiosos surgidos dentro e fora da Igreja.

Boa parte da reflexão sobre a pós-modernidade começou a tornar-se conhecida já nos anos 90', impactando alguns discursos teológicos e pastorais das igrejas cristãs. Não vou apresentar aqui de forma detalhada a presença desses discursos na teologia e no magistério desse período, me concentrando apenas numa leitura panorâmica do que tem sido dito a partir de 2007, em *Aparecida*, no magistério do Papa Francisco e nas DGAE.

No Doc. de *Aparecida*, por exemplo, o termo se encontra uma única vez, no n. 100, que se encontra no capítulo II, dedicado ao “Olhar dos discípulos missionários sobre a realidade”, no subtópico 2.2, dedicado à apresentação da “Situação de nossa Igreja nesta hora histórica de desafios”. Depois de apresentar, nos n. 98 e 99, os frutos positivos da ação pastoral da Igreja, os bispos apontam, no n. 100, as “sombrias”, dentre as quais, na letra “d”, observam:

“Na evangelização, na catequese e, em geral, na pastoral, persistem também linguagens pouco significativas para a cultura atual e em particular para os jovens. Muitas vezes as linguagens utilizadas parecem não levar em consideração a mutação dos códigos existencialmente relevantes nas sociedades influenciadas pela pós-modernidade e marcadas por amplo pluralismo social e cultural. As mudanças culturais dificultam a transmissão da Fé por parte da família e da sociedade. Frente a isso, não se vê uma presença importante da Igreja na geração de cultura, de modo especial no mundo universitário e nos meios de comunicação social” (APARECIDA, 2007, p. 56).

Chamam a atenção nessa constatação: 1) os bispos mencionam explicitamente a transmissão da fé, em particular à juventude; 2) acreditam que há um descompasso entre as linguagens da cultura e as linguagens utilizadas pelos evangelizadores, que não levam em conta as mutações dos “códigos existencialmente relevantes nas sociedades influenciadas pela pós-modernidade e marcadas por amplo pluralismo social e cultural”; 3) se dão conta da ausência da Igreja no âmbito da “geração da cultura”, sobretudo no ambiente universitário e da comunicação social.

Na *Evangelii Gaudium* o termo “pós-moderno” aparece também uma única vez, no n. 67, que se encontra no capítulo II (n. 50-109), dedicado à leitura da realidade, mais especificamente “aos desafios culturais” (n. 61-67), com a seguinte formulação:

“O individualismo pós-moderno e globalizado favorece um estilo de vida que debilita o desenvolvimento e a estabilidade dos vínculos entre as pessoas e distorce os vínculos familiares. A ação pastoral deve mostrar ainda melhor que a relação com o nosso Pai exige e incentiva uma comunhão que cura, promove e fortalece os vínculos interpessoais. Enquanto no mundo, especialmente em alguns países, se reacendem várias formas de guerras e conflitos, nós, cristãos, insistimos na proposta de reconhecer o outro, de curar as feridas, de construir pontes, de estreitar laços e de nos ajudarmos “a carregar as cargas uns dos outros” (Gl 6,2). Além disso, vemos hoje surgir muitas formas de agregação para a defesa de direitos e a consecução de nobres objetivos. Deste modo se manifesta uma sede de participação de numerosos cidadãos, que querem ser construtores do desenvolvimento social e cultural” (FRANCISCO, 2013, p. 48).

O Papa identifica no texto individualismo, pós-modernidade e globalização, e mostra como essa situação provoca o enfraquecimento e a distorção de vínculos entre pessoas e na família, além de apontar a missão da Igreja: “curar as feridas, construir pontes, estreitar laços e ajudar a carregar as cargas uns dos outros” (FRANCISCO, 2013, p.48).

Apesar desta única ocorrência, alguns dos números que compõem o subtópico “desafios culturais” retratam as características tidas como próprias da pós-modernidade por muitos analistas. No n. 61 evoca-se a “generalizada indiferença relativista”, relacionada com a “desilusão e a crise das ideologias”, e a “cultura em que cada um pretende ser portador de uma verdade subjetiva própria”. No n. 62 o texto fala do lugar ocupado na cultura dominante pelo que é “exterior, imediato, visível, rápido, superficial, provisório”. O real, continua o texto, “cede lugar à aparência”. Isso leva à “deterioração das raízes culturais”, e se dá através dos meios de comunicação, geridos por “centros situados na parte norte do mundo”, levando ao surgimento de novas formas de comportamento. No n. 63 o Papa recorda os desafios dos movimentos fundamentalistas e da espiritualidade sem Deus que se encontram no seio do catolicismo. Afirma que, por um lado, isso é uma reação à sociedade materialista, consumista e individualista, e por outro, é o resultado do aproveitamento das carências da população que vive nas periferias e zonas pobres, que sobrevive no meio de grandes preocupações e busca soluções imediatas para seus problemas. O n. 64 afirma que a secularização tende a reduzir a fé e a Igreja ao âmbito privado e íntimo, além de negar a transcendência, o que leva ao relativismo, culminando na desorientação, sobretudo dos adolescentes e jovens. O texto lembra ainda que “vivemos numa sociedade da informação que nos satura de dados, todos postos no mesmo nível, e acaba por nos conduzir a uma superficialidade na leitura das questões morais”. O n. 66 recorda a crise cultural pela qual passa a família, sobretudo no que diz respeito à formação dos vínculos, pois o matrimônio é visto como mera forma de gratificação afetiva, que se constrói segundo a sensibilidade de cada um. Os conteúdos dos números que acabamos de evocar recordam certos diagnósticos de vários autores que buscam interpretar a pós-modernidade e falam do “fim das grandes ou das meta-narrativas”, do “eclipse das

ideologias”, do lugar das “pequenas narrativas”, da cultura do “simulacro” ou da “sociedade do espetáculo”, da crise das grandes instituições de sentido, como a família, as igrejas, a escola, o estado, com a conseqüente dissolução do que era tido como “verdade” ou “valor”, e da irrupção de um pluralismo de princípio, de caráter gnosiológico, cultural e religioso, que pode levar a todo tipo de fundamentalismo (LYOTARD, 2002; FUKUYAMA, 1992; VATTIMO – ROVATTI, 1983).

A *Laudato si'* traz também uma única ocorrência do termo “pós-moderno”, no n. 162, que se encontra no final do capítulo IV, dedicado à reflexão sobre a “Ecologia integral”. O Papa afirma neste texto o seguinte:

“A dificuldade em levar a sério este desafio tem a ver com uma deterioração ética e cultural, que acompanha a deterioração ecológica. O homem e a mulher deste mundo pós-moderno correm o risco permanente de se tornar profundamente individualistas, e muitos problemas sociais de hoje estão relacionados com a busca egoísta duma satisfação imediata, com as crises dos laços familiares e sociais, com as dificuldades em reconhecer o outro. Muitas vezes há um consumo excessivo e míope dos pais que prejudica os próprios filhos, que sentem cada vez mais dificuldade em comprar casa própria e fundar uma família. Além disso esta falta de capacidade para pensar seriamente nas futuras gerações está ligada com a nossa incapacidade de alargar o horizonte das nossas preocupações e pensar naqueles que permanecem excluídos do desenvolvimento. Não percamos tempo a imaginar os pobres do futuro, é suficiente que recordemos os pobres de hoje, que poucos anos têm para viver nesta terra e não podem continuar a esperar. Por isso, “para além de uma leal solidariedade entre as gerações, há que reafirmar a urgente necessidade moral de uma renovada solidariedade entre os indivíduos da mesma geração” (FRANCISCO, 2015, p. 97).

A pós-modernidade no texto está associada ao individualismo, à cultura da satisfação imediata, ao consumo excessivo, à incapacidade de pensar nas futuras gerações e de se solidarizar com os excluídos do momento presente. Embora já presente em muitos teólogos, a crise ecológica, associada ao modelo de desenvolvimento baseado no consumo, na exclusão, torna-se central no magistério da Igreja, como também em muitos autores pós-modernos.

Os termos “pós-moderno” e “pós-modernidade” não se encontram na *Amoris Laetitia*, embora apareça a expressão “mudanças antropológico-culturais” por duas vezes no n. 32, que evoca, em parte, alguns traços da pós-modernidade, pois afirma que “os indivíduos são menos apoiados do que no passado pelas estruturas sociais na sua vida afetiva e familiar”. No n. 33 aparece a questão do

“individualismo exagerado, que desvirtua laços familiares e acaba

por considerar cada componente da família como uma ilha, fazendo prevalecer, em certos casos, a ideia de um sujeito que se constrói segundo os seus próprios desejos assumidos com caráter absoluto” (FRANCISCO, 2016, p. 24).

O texto afirma ainda que as “tensões induzidas por uma exasperada cultura individualista da posse e do gozo geram dinâmicas de intolerância e agressividade”. O texto recorda a dificuldade de criação de laços e o crescimento do número de pessoas que vivem sozinhas. O n. 39 retoma os vários sintomas da “cultura do provisório”, que leva as pessoas a passar de uma relação afetiva a outra, acreditando que o amor “possa ser conectado ou desconectado, ao gosto do consumidor, e inclusive bloqueado rapidamente”. O Papa fala ainda do “medo que desperta a perspectiva de um compromisso permanente”, da “obsessão pelo tempo livre”, das “relações que medem custos e benefícios e se mantêm apenas caso sejam um meio para remediar a solidão, ter proteção ou receber algum serviço”, com tendência a ver tudo como “descartável” (FRANCISCO, 2016, p. 27-28). O texto evoca também os debates contemporâneos sobre o lugar da mulher na sociedade e na família (n.54), os desafios da “ideologia de gênero” (n. 56), a questão do casamento entre pessoas do mesmo sexo e a questão pastoral dos divorciados que voltaram a se casar.

Tampouco na *Gaudete et exsultate* se encontram os termos “pós-modernidade” e “pós-moderno”, embora o texto não ignore fenômenos que, apesar de antigos, são recorrentes na cultura atual. No capítulo II, o Papa apresenta os “Dois inimigos sutis da santidade”, o gnosticismo e o pelagianismo. O n. 36 afirma que o

“gnosticismo supõe uma fé fechada no subjetivismo, onde apenas interessa determinada experiência ou uma série de raciocínios e conhecimentos que supostamente confortam e iluminam, mas em última instância, a pessoa fica enclausurada na imanência de sua própria razão ou dos seus sentimentos” (FRANCISCO, 2018, p. 24).

Quanto ao pelagianismo, embora os que o reatualizam falem da graça de Deus, no fundo, diz o Papa, só confiam nas suas próprias forças e sentem-se superiores aos outros por cumprirem determinadas normas ou por serem irredutivelmente fiéis a certo estilo de vida católico (FRANCISCO, 2018, p. 28-29).

O último texto do Papa Francisco, *Christus vivit*, tampouco traz as duas expressões “pós-modernidade” e “pós-moderno”. Elementos da sociedade atual, marcada pela cultura pós-moderna, podem, porém, ser encontrados ao longo do texto, sobretudo no capítulo III “Vós sois o agora de Deus”. O texto já parte da constatação da pluralidade ao descrever as juventudes (n. 68-70): plural do ponto de vista étnico, cultural, socioeconômico, religioso e mesmo no interior do cristianismo. Na descrição que se segue (n. 71-110), é interessante destacar os seguintes elementos que são característicos da cultura pós-moderna: a) os jovens que são “transformados em seres individualistas, inimigos e desconfiados de todos, que assim se tornam presa fácil de ofertas desumanizantes e de planos destrutivos que grupos políticos ou

poderes econômicos elaboram” (n. 73); b) a publicidade “que ensina as pessoas a estar sempre insatisfeitas e contribui para a cultura do descarte” (n. 78); c) a imagem do jovem como modelo de publicidade, mostrando dificuldade em se assumir os vestígios do tempo (n. 79); d) o desejo expresso pelos jovens de confrontar-se sobre as questões relativas à “diferença entre a identidade masculina e feminina, à reciprocidade entre homens e mulheres e à homossexualidade” (n. 81); e) os avanços da biotecnologia relativos ao corpo e aos comportamentos de risco, a busca de emoções fortes (n. 82); f) o ambiente digital, como típico do mundo contemporâneo, que “privilegia a imagem em relação à escuta e à leitura, afeta o modo de aprender e o desenvolvimento crítico” (n. 86), criando uma nova maneira de se comunicar e de criar laços (n. 87), mas que também é um “território de solidão, manipulação, exploração e violência, até chegar ao caso extremo da dark web” (n. 88), “criando mecanismos de manipulação das consciências e do processo democrático” (n. 89), ou de “migração digital”, ou seja, “de distanciamento da família, dos valores culturais e religiosos”, levando muitos ao desenraizamento (n. 90). O Papa dedica vários números ao problema da migração, que afeta, sobretudo, os jovens, atraídos pela “cultura ocidental, às vezes com expectativas pouco realistas que os expõem a grandes desilusões” (n. 92). O texto conclui recordando os abusos cometidos contra crianças, adolescentes e jovens (n. 95-102).

Para este texto não foi feita uma pesquisa sobre as ocorrências dos termos “pós-moderno” e “pós-modernidade” nos textos do magistério de João Paulo II e Bento XVI, mas apenas em alguns textos das DGAE da CNBB. Uma dissertação de mestrado, de Genion Costa (UNICAP, 2008), mostra que os dados das DGAE de 1995-1998, praticamente se repetem nas DGAE de 1999-2002 e nas de 2003-2006. Vejamos, então, como os bispos do Brasil entendem a pós-modernidade entre 1995-2006. O n. 143, das DGAE de 1995-1998 evoca a “crise da modernidade” e fala da pós-modernidade nos seguintes termos: “esgotamento e superação da modernidade; exasperação dos aspectos negativos da modernidade; primeiros sinais de uma nova época, que realizaria os sonhos ideias da modernidade” (DGAE, 1995, p. 83). Nos números seguintes o texto recorda alguns traços da nova época: a) o “pluralismo cultural”, que leva à fragmentação do universo cultural numa multiplicidade de “novas tribos” (n. 144); b) a tendência ao individualismo, visto como valor proclamado e justificado pela modernidade e assimilado pelas massas (n. 145); c) a valorização da subjetividade, da livre escolha pessoal, da liberdade e da consciência dos direitos fundamentais, à qual está associada a tendência ao subjetivismo exacerbado, que leva ao narcisismo do indivíduo e exalta o consumismo como grande objetivo de vida (n. 145); d) o ritmo das mudanças e o caráter efêmero das contínuas novidades, fenômeno novo, facilitado pelos novos meios de informação (n. 147); e) o pluralismo ético, baseado na desconfiança com relação à razão universal, à qual são atribuídas pretensões totalitárias, eliminação das diferenças e das minorias (n. 152-153); f) o pluralismo religioso, que tem levado à diminuição do número de católicos, diversificando o próprio mundo católico, então formado por fiéis ligados às CEBs, à RCC, a outros movimentos e, a maioria (61,4%), ao grupo de católicos tido como tradicionais.

Os termos pós-moderno e pós-modernidade desaparecem das DGAE a partir de 2008, embora, na descrição da realidade, alguns elementos que a descreviam continuem presentes,

como, nas DGAE de 2008-2010: fragmentação crescente dos referenciais de sentido e relativização dos valores (n. 15); consequente diluição das tradições culturais e religiosas (n. 16), apesar da maior circulação dos produtos pela globalização, sensação de desencanto (n. 17), diante das incertezas e riscos, busca de satisfação imediata (n. 18), na esfera privada, cada um se julga dono de suas decisões, cultura do consumo (n. 19), como contraponto positivos: o valor da pessoa, de sua liberdade, consciência e experiência (n. 20), apesar da massificação do indivíduo, a família continua como valor fundamental (n. 22), as várias lutas contra as discriminações, promoção dos direitos da mulher, a preservação do meio ambiente, a defesa dos direitos das culturas e etnias específicas (n. 23). Há todo um tópico específico para a questão ecológica e outro para a situação religiosa, esta última caracterizada pela mentalidade individualista, a qual, por sua vez, é marcada por escolhas que agradam subjetivamente e com fraca pertença institucional, além de se constituir como um mosaico, no qual cada indivíduo constrói a própria religião (n. 38).

As DGAE de 2011-2015 reduzem sensivelmente a leitura da realidade. Retomam as análises de Aparecida, recordando o impacto da globalização e a afirmação da “mudança de época” (n. 19-20). Destaque para duas atitudes que prevalecem: o relativismo e os fundamentalismos, que se desdobram num laicismo militante, na irracionalidade da cultura midiática, no amoralismo generalizado, no desrespeito ao povo (n. 20). O texto recorda também os impactos das leis do mercado na vida das pessoas (n. 21) e as novas práticas religiosas, baseadas no emocionalismo e no sentimentalismo, que levam à redução do compromisso comunitário-institucional e criam uma experiência religiosa feita de momentos, de rotatividade, individualização e comercialização (n. 22).

As DGAE de 2015-2019 retomam a afirmação de Aparecida sobre a “mudança de época”, apresentando seus aspectos positivos (a promoção da mulher, a valorização das minorias étnicas, o destaque à justiça, à paz e à ecologia, a consciência da importância dos movimentos sociais e dos direitos à educação e à saúde, as iniciativas para a superação da miséria e da fome), seus riscos e consequências (afetam os critérios de compreensão, os valores mais profundos a partir dos quais se afirmam as identidades e se estabelecem ações e relações). O texto constata o aumento do relativismo, a ausência de referências sólidas, o excesso de informações, a superficialidade, o desejo de conforto e facilidades, a aceleração do tempo, o individualismo, o fundamentalismo, afetando, particularmente, a família. O texto evoca ainda as ideologias que apresentam noções confusas da sexualidade, da família e do matrimônio (n. 21), além de retomar a questão do pluralismo religioso, caracterizando-o pelo fundamentalismo, o emocionalismo e o sentimentalismo (n. 25), além de recordar a crise do compromisso comunitário no mundo católico (n. 26)

As DGAE de 2019-2023 retomam de novo a ideia da “mudança de época”, na qual “os fundamentos últimos para a compreensão da realidade se tornam frágeis a ponto de suscitar perplexidade e insegurança”. As alterações em curso tocam aspectos profundos a respeito da vida, de Deus, do ser humano, da família e de toda a realidade. Os bispos dizem que preocupa a difusão da ideologia de gênero (n. 43). Eles reconhecem que o mundo se torna cada vez

mais urbano, e apontam alguns traços das cidades: a cultura que nela se gera é a da individualidade. Continua apresentando outros traços do mundo atual, como a redução da função social do estado, o consumismo. Segundo eles, o forte acento na individualidade leva ao enfraquecimento das instituições e das tradições, sobretudo a família. Outra marca do mundo presente é a pluralidade, que se manifesta no âmbito da cultura, da ética, da vivência religiosa e associativa. O texto recorda também a alta mobilidade das grandes cidades, o aumento da pobreza, o desafio ambiental e o do mundo juvenil. Recorda ainda que a fragilidade de referências conduz à relativização da verdade.

Esse breve sobrevoo sobre esse conjunto de textos mostra que as questões relacionadas à cultura pós-moderna começam a fazer parte dos discursos e das preocupações do magistério eclesial. Em geral, como assinalamos nos textos selecionados, o pós-moderno é associado ao lugar ocupado pelo indivíduo/sujeito como centro catalizador da leitura, interpretação e ação sobre o real. Nesse sentido, o pós-moderno é a exacerbação do moderno, pois a modernidade já se definia como virada do sujeito. Mas o sujeito pós-moderno, como bem observou o filósofo Paul Ricoeur, não é, como seu ancestral moderno, “exaltado”, mas, sob muitos pontos de vista, “humilhado” (RICOEUR, 1990, p. 27), não protagonizando mais as conquistas que deram origem ao mundo moderno, mas, ao contrário, sentindo-se ameaçado por elas e tornando-se um de seus maiores críticos. Embora os textos evocados acima não recorram a essa expressão, podemos dizer, como observa Carlos Mendoza-Alvarez, que se trata de um sujeito “vulnerável” (MENDOZA, 2011) e isso sob vários pontos de vista: 1) ele é vulnerável porque, apesar de autorreferencial, experimenta a existência como solidão, tem dificuldades de criar vínculos permanentes, busca continuamente dar as razões de sua existência e vive constantemente um processo de fazer-se, desfazer-se e refazer-se; 2) ele é vulnerável porque é descentrado reiteradamente por outros sujeitos que, como ele, também advogam um lugar ao sol, demandando reconhecimento, instituindo a própria narrativa como digna de ser dita e ouvida, o que supõe um deixar-se afetar pelo outro, instituindo um espaço relacional, feito de conflito e luta por reconhecimento; 3) ele é vulnerável porque, apesar de ter dominado o mundo, vê-se, por um lado, subjugado pelos artefatos e pelo sistema que produziu, e, por outro, ameaçado pelos efeitos nefastos que sua relação predadora com o mundo pode produzir.

Em sua descrição do sujeito vulnerável Carlos Mendoza tece as seguintes considerações. Surgido da modernidade tardia, ele é portador de uma vigorosa crítica da onipotência e dos totalitarismos de todo tipo, e de uma subjetividade aberta à transcendência, que é experimentada como mútuo reconhecimento. Os metarrelatos da modernidade são a expressão totalitária da vontade de onipotência, para a qual existe uma verdade única. O único absoluto, porém, observa o teólogo mexicano, é o grito das vítimas e a memória que desse grito a humanidade deve guardar. O fim da história é, na verdade, o fim dos metarrelatos e não o fim do mundo enquanto casa comum. Nesse sentido, a pós-modernidade não é a apoteose de um indivíduo autossuficiente e solipsista, mas o advento de uma consciência aguda das desigualdades, sensível à exclusão em todos os tipos de sociedades de totalidade: o Estado, o exército, as igrejas, as prisões, as escolas. Deixando-se afetar pela diferença, o sujeito pós-moderno

emerge como rosto, incômodo, chamado, invocação, inspiração, promessa. Ele faz ouvir sua narrativa e é sensível às dos demais (MENDOZA, 2011).

Que caminhos a Igreja tem proposto para responder aos desafios do mundo pós-moderno? Mais que uma visão geral, será apresentada aqui a situação da Igreja do Brasil.

2 PROPOR A FÉ NA PÓS-MODERNIDADE

Desde que a questão da pós-modernidade entrou nos discursos da Igreja em geral, e na Igreja do Brasil, em particular, as DGAE recorreram às seguintes categorias ou imagens para pensar a pastoral: de 1995 a 2010: quatro exigências: 1) serviço, 2) diálogo, 3) anúncio, 4) testemunho de comunhão, que se expressavam nos âmbitos da pessoa, da comunidade e da sociedade; de 2011-2018: as quatro exigências se tornaram cinco, assim expressas: 1) Igreja em estado permanente de missão; 2) Igreja: casa da iniciação à vida cristã; 3) Igreja: lugar de animação bíblica da vida e da pastoral; 4) Igreja: comunidade de comunidades; 5) Igreja a serviço da vida plena para todos; de 2019-2023: metáforas dos quatro pilares a partir dos quais se constrói a “casa da evangelização”: Palavra, Pão, Caridade e Missão.

É importante observar que o período pós-conciliar, que determinou a pastoral de conjunto do Brasil entre 1965-1994, foi marcado pelo esforço principal do Concílio, que era o diálogo com a modernidade. Ora, a modernidade pode ser caracterizada, por um lado, pela virada do sujeito, em sua autonomia e autorreferencialidade (primeira modernidade, tematizada por Kant), e, por outro lado, pela percepção de que esse sujeito é histórico, que se realiza enquanto história em condições socioeconômicas e políticas (segunda modernidade, com as contribuições de Hegel, Marx, escola de Frankfurt). Na América Latina, a recepção do Concílio, a partir de Medellín e de Puebla, pensou o sujeito como comunidade e em perspectiva social, política e econômica. O emblema dessa percepção aparece nos rostos/feições desses sujeitos tais quais os descreveu Puebla (CELAM, 1979, n. 32-39). É importante observar que boa parte da pastoral dessa época, que teve sua tradução conceitual na teologia da libertação, via nesses rostos possíveis “sujeitos”, que, na medida em que descobrissem sua condição social, política, econômica e cultural, poderiam se tornar “sujeitos históricos de libertação” (GUTIERREZ, 1969). No Brasil, a coincidência entre a recepção do Concílio e a situação política determinada pelo golpe militar, contribuiu para que os “sujeitos” que foram ganhando consciência de seu papel participassem ativamente nos movimentos sociais no campo e na cidade, através das pastorais sociais, que atuaram em associações de moradores, sindicatos e partidos políticos. O processo de redemocratização do país contou com a participação ativa desses movimentos.

Sob muitos pontos de vista, porém, podemos dizer que esse sujeito ainda pertencia à lógica moderna, ou seja, eram moldados à luz das “grandes narrativas”, com sua visão de totalidade. Ora, quando esses metarrelatos entram em crise, o que coincide com a queda do muro de Berlin, em 1989, sua visão utópica também entra em crise. Em seu lugar entram

as pequenas narrativas, que, em parte, já estavam em irrupção, sobretudo nos grupos que haviam pensado nesse período sua condição étnica e sexual, como os indígenas, os afrodescendentes e as mulheres. O início dos anos 90' não sentiram de imediato o impacto da então chamada "morte das utopias", pois transferiram para esses grupos e pastorais a lógica da formação de sujeitos que havia predominado na pastoral pós-conciliar. Porém, com o passar dos anos, apesar da consciência aguda dos efeitos perversos do neoliberalismo e da globalização, como também do emergir da consciência ecológica, a pastoral de conjunto surgida após o concílio começou a sofrer os efeitos da irrupção do indivíduo pós-moderno, frágil, autocentrado. Os movimentos religiosos que recorriam à emoção e ao "Espírito" começaram a conhecer um grande sucesso. A própria CNBB passou a olhar esses movimentos com outro olhar. Isso explica a mudança, operada a partir das DGAE de 1995, nas quais o termo pós-modernidade aparece, como a descrição que dela fizeram os bispos e as propostas para se pensar então a evangelização.

Apesar dessa incipiente compreensão da "mudança de época" em curso no final do séc. XX, as propostas pastorais não iam ao encontro do sujeito que então emergia. Em parte, porque ainda se pensava que o processo de "formação" do "sujeito pós-moderno" obedecia à mesma lógica do "sujeito moderno". Ora, sob muitos pontos de vista, o sujeito moderno, tal qual o pensou Kant, Hegel, Marx e os marxismos, trazia em si a marca do iluminismo, ou seja, tendia a certo racionalismo e era marcado por uma perspectiva ética. O sujeito pós-moderno, como aparece nas descrições dos diversos documentos dos bispos, é fragmentado, mais aberto a uma visão plural da realidade, em seus aspectos culturais, étnicos, sexuais e religioso. Ele é também marcado mais por uma percepção estética que ética, fortemente hedonista, o que o torna presa fácil da lógica do mercado, que passou a imperar a partir do fim da Guerra Fria. Não se pode ignorar tampouco que a fragmentação e a pluralidade deram origem à sensação de um "mundo líquido" (BAUMAN, 2002), o conduzindo a uma profunda insegurança, o que explica o surgimento de fundamentalismos de todos os tipos, sobretudo religiosos, mas também culturais e de gênero.

Em Aparecida, os bispos vão oferecer uma tentativa de resposta que vai ao encontro da questão de fundo. Tiveram uma leitura dos "rostos" diferente da de Puebla (CELAM, 2007, n. 65, 393, 402, 404), a saber, são rostos de sujeitos vulneráveis, muitos dos quais nunca serão "sujeitos de mudança histórica", como eram em Puebla. Além disso, levaram a sério a irrupção do indivíduo, daí a ênfase no "encontro pessoal" do Cristo com o indivíduo, saindo da perspectiva de cristandade que ainda dominava os documentos anteriores. O binômio "discípulos-missionários", traduz, em parte, esta nova perspectiva. Porém, como tornar o indivíduo vulnerável da pós-modernidade discípulo-missionário? As respostas de Aparecida ainda são incipientes. No período pós-conciliar, as comunidades eclesiais de base ofereceram um modelo extraordinário para a nova perspectiva que então emergia. Em Aparecida, além de se valorizar essa experiência, também se valoriza o que é feito por movimentos de todo tipo. No fundo, apesar de muitos herdeiros do espírito conciliar não aceitarem essa "pluralidade" de propostas, como se os bispos devessem ter uma única solução para a nova realidade, talvez

Aparecida tenha se dado conta que a melhor solução diante do pluralismo sejam respostas plurais.

Libanio, na obra *Cenários da Igreja*, elaborada inicialmente em 1999, com um acréscimo em 2012, quando a obra passou a se chamar *Cenários da Igreja num mundo plural e fragmentado*, parece ter se dado conta de que para se pensar a pastoral na pós-modernidade é necessário não ignorar o pluralismo e a fragmentação presentes no mundo e na igreja. Ele apresenta um panorama das distintas tendências presentes dentro do catolicismo então: o de uma igreja Instituição, o de uma igreja Carismática, o de uma igreja da Palavra, o de uma igreja da práxis Libertadora, o de uma igreja Fragmentada e Pós-moderna (LIBANIO, 2012). Esta leitura das distintas “igrejas” que se encontram dentro da Igreja, dá conta da irrupção do pluralismo, embora não ofereça muitas pistas para fazê-las coexistirem na pastoral concreta. Como pensar a pastoral com tantas visões em conflito e disputa?

O Papa Francisco, no método que ele tem adotado na realização dos sínodos, oferece uma pista interessante para se pensar a pastoral numa igreja plural e pós-moderna. A sinodalidade, que consiste em caminhar juntos, mesmo na tensão e na diferença, é, sem dúvida, um caminho extremamente inspirador. O interessante é que, para que esse caminho possa dar certo, é preciso acolher as diferentes sensibilidades, saber escutar cada um, não se apegar à própria opinião, saber que há riquezas escondidas em cada cenário ou perspectiva.

Francys Adão Silvestrini, em sua tese de doutorado, propõe o que ele denomina como “método eucarístico”. Partindo de uma abordagem “gastronômica”, ele mostra como os diversos ingredientes de um prato, a depender da combinação, podem oferecer alimento e sabor à vida. Trata-se, segundo sua leitura, de aprender com os “verbos eucarísticos”, das narrativas da última ceia, a saber: tomar, dar graças, partir e dar. “Tomar” evoca que cada fragmento é um dom, e como tal deve ser tido. Por isso, ao tomar segue-se o “dar graças”, justamente porque é dom e tem algo de único. Mas a unicidade do dom, pelo qual se agradece, se não é repartida, não alimenta ninguém, é como o grão de trigo que precisa morrer para nascer e dar fruto. Por isso, o “partir” é necessário, para poder repartir-se e alimentar a fome do outro, que aparece no verbo “dar”. (ADÃO, F. S., 2019). É interessante esta perspectiva, que pode servir de metáfora para se repensar a pastoral em tempos de fragmentação e de pluralismo dentro e fora da Igreja.

Outra perspectiva, que penso importante, já que se fala da pós-modernidade como época das “pequenas narrativas”, é a que propõe Paul Beauchamp em sua leitura das Escrituras. Segundo ele, o Antigo Testamento, cujo modelo, em parte, é seguido pelo Novo, é formado de três escrituras: a Lei, a Profecia e a Sabedoria. O que é a Lei? É o relato fundacional, que recorda o que faz a identidade do povo. Ela é composta por textos narrativos e legislativos. Ela diz quem é Israel, ou quem são os cristãos. Ela está voltada para o passado e remete a uma memória à qual não se pode esquecer. É essa memória que constitui a “identidade narrativa” de Israel e dos cristãos. Mas esta memória, consignada na Lei, pode permanecer letra morta, ou relato fundamentalista, fechado num etnocentrismo ou num fundamentalismo estéril. Por

isso, a Profecia é o que atualiza a memória no presente. Os Profetas, no AT, e Paulo, no NT, mostram como viver a identidade no hoje da história, denunciando também o que nos afasta da Lei, como a idolatria e a injustiça no AT, ou uma visão etérea do Cristo, um Cristo que não passou pela carne ou pela cruz. Além do passado e do presente, necessitamos também, segundo Beauchamp, de uma abertura à diferença. Isso é dado pelos escritos sapienciais, que nos remetem ao que é comum a todos os seres humanos, a vida em seu acontecer, seu padecer e seu morrer, mas também em seus momentos de gozo e plenitude. Ora, essa vida não é privilégio de Israel ou dos cristãos, mas de toda a humanidade. Por isso, a Sabedoria é o que nos permite colocar-nos no mundo, sendo o que somos (Lei e Profetas), sem perder nossa identidade no presente, mas sabendo acolher o que nos diferencia e pode nos enriquecer vindo do outro.

A iniciação à fé cristã deve oferecer aos indivíduos pós-modernos, fragmentados e plurais, o sentido de uma pertença, de uma memória, de uma identidade, mas também deve torná-los capazes de se dizerem enquanto sujeitos no aqui e no agora, diante dos diferentes sujeitos com os quais convivem no mundo. Como traduzir esta intuição de Beauchamp na pastoral? Eis um desafio interessante a ser levado adiante por nossa geração.

Para concluir, é importante recordar as contribuições do Papa Francisco para se pensar a pastoral no mundo hodierno. Suas exortações apostólicas (*Evangelii Gaudium*, *Amoris Laetitia*, *Gaudete et exultate*, *Christus Vivit*), sua encíclica (*Laudato Si*), são permeadas de muitas orientações que vão na direção de uma proposição da fé para nossos contemporâneos. Chama a atenção, em primeiro lugar, o convite à alegria, pensar a fé cristã como boa notícia, Evangelho, que traz vida, que convida à festa. Essa dimensão é extremamente importante em seu pontificado. Mas não se trata apenas de edulcorar a fé, mas ela conduz também a um compromisso com as distintas situações de vulnerabilidade, as “periferias existenciais” sobre as quais tanto ele tem insistido.

BREVES CONCLUSÕES

Mais que oferecer receitas, as reflexões trazidas aqui querem oferecer pistas para se continuar buscando novos caminhos para anunciar o sempre novo e cheio de vida caminho aberto por Jesus, o anúncio do reino que vem. Oxalá elas possam contribuir para fazer avançar na busca de caminhos concretos, que possam abrir novas pistas para o existir cristão no nosso tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADÃO, F. S. *La vie comme nourriture*. Pour un discernement eucharistique de l'humain fragmenté. Centre Sèvres, 2019 (Tese doutoral).

FAUS, G. J. I.: *Desafio da pós-modernidade*. São Paulo: Paulinas, 1996.

FUKUYAMA, F.: *O fim da história e o último homem*. Rio de Janeiro : Rocco, 1992.

- GISEL, P. - EVRARD, P. éd. : *La théologie en postmodernité*. Genève : Labor et Fides, 1996.
- HABERMAS, J.: *Pensamento pós-metafísico : estudos filosóficos*. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1990.
- HERVEY, D. *The condition of postmodernity*. Cambridge: Blackwell Publishers, 1990.
- INGRAFFIA, B. D. : *Postmodern theory and biblical theology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- LYOTARD, J.-F.: *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro : José Olympio, 2002.
- MENDOZA-ALVAREZ, C. *O Deus escondido da pós-modernidade*. Desejo, memória e imaginação escatológica. Ensaio de teologia fundamental pós-moderna. São Paulo: É realizações, 2011.
- PAPA FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. A alegria do evangelho. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Loyola/Paulus, 2013.
- _____. *Laudato Si'*. Louvado sejas. Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Loyola/Paulus, 2015.
- _____. *Amoris Laetitia*. A alegria do amor. Sobre o amor na família. São Paulo: Paulinas, 2016.
- _____. *Gaudete et exsultate*. Sobre o chamado à santidade no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2018.
- _____. *Christus vivit*. Aos jovens e a todo o povo de Deus. São Paulo: Paulinas, 2019.
- TRASFERETTI, J. - GONÇALVES, P. S. L. (org.): *Teologia na pós-modernidade: abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- VATTIMO, G. - ROVATTI, P. A. (ed.): *Il pensiero debole*. Milano : Feltrinelli, 1983.
- WARD, G. ed.: *The postmodern god. A theological reader*. Oxford: Blackwell Publishers, 1997.